

Se sou tradutora literária é, além disso, porque conheci a língua portuguesa: [...] uma língua redundante, superflua, hiperbólica, enfática, fanfarronante. Foi assim que ela me seduziu de início.

Claire Cayron

DOROTHÉE DE BRUCHARD (ORG)

CLAIRE CAYRON

PROFISSÃO : *TRADUCTRICE*



PROFESSION : TRADUTORA

DLLE / UFSC
ESCRITÓRIO DO LIVRO

DOROTHÉE DE BRUCHARD (ORG)

CLAIRE CAYRON

Profissão: *traductrice*



Profession : tradutora

Tradução

Ana Carolina Corrêa da Silva, Bianca Melyna Filgueira,
Claudia Borges de Faveri, Diego Conte, Dorothée de Bruchard,
Ellen Carina Araujo de Carvalho, Iris Marjorie Böing Imhof,
Lia Benthien, Marcia Bioni, Nathália Leite Munari, Teresa
Cristina Rodrigues dos Santos, Thays Tomazi

DLLE / UFSC
ESCRITÓRIO DO LIVRO

© Claire Cayron, 2000; Zahidé Lupinacci Muzart, 2002.

Foram gentilmente cedidos para esta edição: os textos originais, por Alice Caffarel, Zahidé Lupinacci Muzart e Editions José Corti; e os textos traduzidos, pelos tradutores.

Catalogação na fonte elaborada pela DECTI da Biblioteca Central da UFSC

C585 Claire Cayron : profissão: traductrice, profession: tradutora / organização
Dorothee de Bruchard ; tradução Ana Carolina Corrêa da Silva ...[et al.].
– Florianópolis : UFSC, DLE : Escritório do Livro, 2012.
78 p. il.

Edição bilingue
Inclui bibliografia

1. Cayron, Claire. 2. Literatura brasileira – Serviços de tradução.
3. Tradutores. 4. Tradução e interpretação. I. Bruchard, Dorothee de.

CDU: 801=03

ISBN: 978-85-61483-74-6



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA ESTRANGEIRAS
Silvana de Gaspari, chefe de departamento

ESCRITÓRIO DO LIVRO
Dorothee de Bruchard, editora
www.escritoriodolivro.com.br



Claire Cayron, maio de 2002.
Editions José Corti, imagens de arquivo.



Sumário

Apresentação	9
<i>Profession: traductrice</i>	14
Profissão: tradutora	15
Harry Laus	
<i>Présentation de Claire Cayron</i>	36
Apresentação de Claire Cayron	37
Excerto \ <i>Extrait</i>	44
Caio Fernando Abreu	
<i>Présentation de Claire Cayron</i>	48
Apresentação de Claire Cayron	49
Excerto \ <i>Extrait</i>	56
<i>A propos de Claire Cayron</i>	58
Sobre Claire Cayron	59
Claire de Lune, por Zahidé Lupinacci Muzart	66
Claire Cayron: bibliografia	72



Apresentação

O universal é o local sem os muros.

L'universel, c'est le local moins les murs.

Miguel Torga

OS TRADUTORES travam em silêncio suas batalhas invisíveis, e costumamos saber muito pouco sobre esses profissionais que, com um pé cá e outro em outras culturas, nos trazem de longe linguagens e imagens, abrindo assim nossa sensibilidade para o estrangeiro, o ainda encoberto. E quase nada sabemos sobre aqueles tradutores de outras paragens que, um olho lá e outro em nossa cultura, levam daqui, para gentes e terras distantes, nossa literatura e nossas histórias.

Se é da lide dos tradutores tecer, aproximando o longe, os laços que nos unem ao Outro, atentar para o trabalho dos tradutores é, sem dúvida,

perceber melhor a presença e importância deste Outro entre nós. E atentar para o trabalho de uma tradutora para quem o Outro somos nós é descobrir um pouco mais sobre quem somos.

Claire Cayron, professora, pesquisadora, ensaísta, passou a vida às voltas com a literatura e, tradutora, dedicou boa parte dela a abrir espaço, em terras francesas, para as letras de língua portuguesa — do lusitano Miguel Torga, do brasileiro Caio Fernando Abreu, entre outros, Claire Cayron levou textos que os próprios portugueses e brasileiros por vezes mal conheciam. De como ela abraçava a aventura tradutória em toda a sua amplitude — desde deixar-se seduzir por um texto, uma linguagem, um estilo, passando pelo desvendar de um autor, da terra, dos sotaques que ele traz consigo, até a busca de um editor que o desse à luz — é exemplo emblemático sua tradução da obra do catarinense Harry Laus: estão disponíveis para o leitor francês textos seus que no Brasil permanecem inéditos — e alguns dos poucos publicados entre nós o foram por estímulo da versão francesa.

Justo retorno das coisas: no presente livrinho, a tradutora é quem se deixa traduzir... pelos alunos da disciplina Estudos de Tradução em Francês II,

do curso de Letras-francês da Universidade Federal de Santa Catarina¹.

Ao longo do trabalho, desenvolvido no primeiro semestre de 2012, e como não poderia deixar de ser, ao repararmos na trajetória de Claire Cayron pudemos reconhecer, pelos olhos desta colega de além-mar e além-muros, as alegrias e dissabores do ofício que são o quinhão dos tradutores de todas as línguas e países. Ao prestar esta pequena homenagem a Claire Cayron, acabamos honrando, graças a ela, outras vozes, vozes nossas, em particular duas delas, tão mal conhecidas: a do grande escritor português Miguel Torga, e a de Harry Laus, ainda pouco audível nessa Ilha de Santa Catarina onde ele viveu e criou. Pudemos assim vivenciar na prática o que em tese sabíamos: conhecer a trajetória dos tradutores nos diz muito sobre nós mesmos, sobre nossa relação com o outro, e sobre o humano impulso de derrubar os

1. Doutoranda em Estudos da Tradução da UFSC, ao idealizar e coordenar este projeto estava cumprindo o estágio docente requerido enquanto bolsista da Capes. A Prof^a Claudia Borges de Faveri, titular da disciplina e minha orientadora, contribuiu com a versão, para o francês, do texto de homenagem a Claire Cayron de autoria da Prof^a Zahidé Lupinacci Muzart (p. 67).

muros que se erguem, ou fingem se erguer, entre o local e o universal.

Parte desses estudantes, dando continuidade ao projeto durante o Curso de Extensão Prática de Tradução e Edição, em julho de 2012, tiveram a oportunidade de trançar os finos fios que unem esses dois ofícios da palavra. São deles os nomes constantes no item “produção editorial” do colofão: todos eles revisaram, comentaram, optaram e palpitararam, participando, desde a preparação de texto, das várias etapas que resultaram nesse livrinho. Alguns se empenharam mais especialmente em algumas tarefas: Lia Benthien cuidou da bibliografia; Nathália Leite Munari pesquisou as referências com Bianca Melyna Filgueira, a qual redigiu as notas, ambas contando com a ajuda de Ellen Carina Araújo de Carvalho que, por sua vez, efetuou os trâmites necessários para a obtenção do ISBN; Ana Carolina Corrêa da Silva foi responsável pela revisão final de provas.

O empenho de todos nós, porém, dificilmente se teria concretizado sem o incentivo do DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA ESTRANGEIRAS da UFSC, que prontamente acolheu o projeto desde o início, financiando sua publicação. Pudemos contar, além disso, com a generosa participação de:

ALICE CAFFAREL, filha de Claire Cayron, e BERTRAND FILLAUDEAU, seu editor francês, que imediata e generosamente cederam os direitos de reprodução e tradução de seus textos, os quais se encontram disponíveis, diga-se, no site da Editions José Corti, www.jose-corti.fr/; ZAHIDÉ LUPINACCI MUZART, professora e pesquisadora que, além de nos ceder seu texto “Claire de Lune”, forneceu preciosos esclarecimentos e referências sobre a obra de Harry Laus, no que igualmente contribuiu a professora TAIZA MARA RAUEN MORAES; a sensibilidade de JOSÉ APOLÔNIA PIRES CORREIA, amigo querido, nos permitiu um melhor vislumbre da obra de Miguel Torga. ANA GIRONDI, do DLLE, nos orientou nos trâmites legais e MARLENE MARGARETE ELBERT, da Biblioteca Universitária da UFSC, elaborou a ficha catalográfica.

A todos eles, nosso agradecimento grande e sincero.

Dorothée de Bruchard



Profession : traductrice

ON M'A DEMANDÉ de vous raconter pourquoi et comment je suis traductrice littéraire, depuis vingt-sept ans passés.

En bref, si je suis traductrice littéraire :

- c'est d'abord parce que la littérature était et continue d'être à la fois ma passion et mon métier — la littérature que l'on dit comparée, et qui a pour meilleur objectif d'effacer les frontières ;*
- c'est ensuite parce que j'ai rencontré la langue portugaise ;*
- c'est enfin parce qu'un écrivain, Miguel Torga, illustre à la fois superbement la littérature dans son sens le plus universel, et la langue portugaise dans ce qu'elle a de plus original : sa plasticité.*

Le portugais (la langue) m'a séduite dans les années 50 à l'université, presque par hasard. Mais — filons la métaphore — je l'ai aimé au point de plaquer pour lui l'espagnol. On pourrait dire que cette langue m'a « chanté ». La connaissance du Portugal a ren-

Profissão: tradutora

PEDIRAM-ME QUE CONTASSE a vocês por que e como sou tradutora literária há mais de vinte e sete anos.

Em suma, se sou tradutora literária:

- é, primeiro, porque a literatura era, e continua sendo, tanto minha paixão como minha profissão — a assim chamada literatura comparada, que tem por melhor objetivo abolir as fronteiras;
- é, além disso, porque conheci a língua portuguesa;
- é, por fim, porque um escritor, Miguel Torga, ilustrava magnificamente tanto a literatura em seu sentido mais universal como a língua portuguesa no que ela tem de mais original: sua plasticidade.

O português (a língua) seduziu-me nos anos 50, na universidade, quase que por acaso. Mas — para seguir na metáfora — eu o amei a ponto de, por ele, abandonar o espanhol. Pode-se dizer que esta língua me “cantou”. Conhecer Portugal re-

forcé cette passion. Qui reste cependant une passion « lusophonique » : elle inspire mes choix dans la littérature portugaise : Miguel Torga principalement et bientôt Ruben A. — sans compter quelques excursions diverses. Mais aussi, depuis quelques années, dans la brésilienne où je poursuis la traduction de l'œuvre complète de deux auteurs : Harry Laus et Caio Fernando Abreu. J'ai également recherché une occasion d'aborder le portugais d'Afrique, à travers l'œuvre de Wanda Ramos : sa mort rapide et prématurée a fait de cette occasion un rendez-vous manqué, ou au moins différé. Mais je lui dois d'avoir flirté avec une autre voie (ou voix) du portugais : le galicien.

Pourquoi l'œuvre de Torga, dès 1973 ?

Parce qu'au moment de mes premiers contacts avec la langue et la littérature portugaise, dans les années 50, c'est cette œuvre qui m'a interloquée par sa force, et sa singularité : Torga a fait de la langue portugaise du « torga », ce qui est la marque des plus grands auteurs. Vingt ans plus tard, lorsque j'ai voulu devenir traductrice, c'est à lui que j'ai pensé, sans me préoccuper d'en chercher un autre : il est des œuvres qui sont modernes pour la modernité et d'autres qui le sont pour l'éternité. C'est le cas de celle de Torga.

forçou esta paixão. A qual permanece, porém, uma paixão “lusofônica”. Inspira minhas escolhas na literatura portuguesa: Miguel Torga, principalmente, e em seguida Ruben A. — sem contar algumas incursões diversas. Mas também, de alguns anos para cá, na literatura brasileira, de que venho efetuando a tradução da obra completa de dois autores: Harry Laus e Caio Fernando Abreu. Procurei igualmente uma oportunidade de abordar o português africano através da obra de Wanda Ramos: sua morte repentina e prematura transformou esta oportunidade num encontro falhado, ou, pelo menos, adiado. Mas devo a ela o ter flertado com outra via (ou voz) do português: o galego.

Por que a obra de Torga, desde 1973?

Porque no momento de meus primeiros contatos com a língua e a literatura portuguesas, nos anos 50, foi esta obra que me desconcertou por sua força e singularidade: Torga transformou a língua portuguesa em “torguês”, o que é a marca dos grandes autores. Vinte anos mais tarde, quando quis tornar-me tradutora, foi nele que pensei, sem me preocupar em procurar outro: há obras que são modernas para a modernidade, e outras, para a eternidade. É o caso da obra de Torga.

En 1973 donc, j'ai écrit à Torga en lui expliquant mes convictions sur le sujet de la traduction littéraire et lui proposant mes services de traductrice. (Le pli était pris : pour les autres auteurs, comme pour Torga, c'est toujours de moi qu'est venue l'initiative de traduction. J'aime découvrir et faire découvrir).

Avec l'autorisation de Torga bientôt reçue, je me suis mise au travail préparatoire, celui qui résout dès le départ bien des problèmes. Je veux parler de la connaissance intégrale de l'œuvre, qui permet de relier les parties au tout, de se familiariser avec l'univers littéral de l'auteur. Mais il faut aussi compter avec son univers référentiel. Je ne crois pas possible de bien traduire l'œuvre si profondément enracinée de Torga sans avoir une très bonne connaissance de l'histoire et de la géographie du Portugal, de sa littérature et plus généralement de sa culture. Et sans avoir une très grande familiarité avec ses lieux et sa communauté d'origine. Ce que j'ai entrepris dès que le Portugal est redevenu fréquentable, en 1975, munie des clefs — à tous les sens du terme — que l'auteur m'a généreusement offertes. Je conserve précieusement un itinéraire dessiné de sa main, dans les limites de son territoire sacré.

L'édition de mes traductions de Torga a commencé en 1982 ; il y a actuellement 15 titres disponibles en

Em 1973 então, escrevi a Torga explicando a ele minhas convicções a respeito da tradução literária e propondo meus serviços como tradutora (e assim seria: para outros autores, como para Torga, partiria sempre de mim a iniciativa da tradução. Gosto de descobrir e fazer descobrir).

Com a autorização de Torga, logo recebida, lancei-me ao trabalho preparatório, aquele já de início resolve muitos problemas. Refiro-me ao conhecimento integral da obra, que permite ligar as partes ao todo, familiarizar-se com o universo literal do autor. Mas é preciso também contar com seu universo referencial. Não acho possível traduzir bem a obra tão profundamente enraizada de Torga sem possuir um conhecimento muito bom da história e da geografia de Portugal, de sua literatura, de sua cultura de uma forma geral, e uma grande familiaridade com seus lugares e sua comunidade de origem. Foi o que busquei fazer assim que Portugal voltou a ser frequentável, em 1975, munida das chaves — em todos os sentidos do termo — que o autor generosamente me ofereceu. Conservo preciosamente um itinerário desenhado por ele, dos limites de seu território sagrado.

A edição das minhas traduções de Torga começou em 1982. Existem atualmente 15 títulos disponí-

français, et un numéro spécial de revue, qui représentent 36 volumes de l'édition portugaise, soit la totalité de l'œuvre en prose. À laquelle s'ajoutent deux recueils de poèmes, sur les quatorze de l'édition originale. J'ai le projet de compléter le premier (À la proue d'un navire de roc), et de constituer une anthologie.

À ce régime, pendant presque 15 ans, pour mes collègues traducteurs, j'ai été « la femme — un peu maniaque — d'un seul homme », d'un seul auteur.

Je l'avoue, lorsque je me suis lancée dans la traduction de Torga, je ne pensais pas avoir le temps de m'intéresser à un autre auteur. Et pourtant, cela s'est produit. D'abord, pour l'apprentissage de l'une de mes filles : nous avons traduit ensemble deux recueils de nouvelles de Sophia de Mello Breyner. Chemin faisant, je me suis chargée de la traduction de L'Histoire du Portugal d'Oliveira Martins, un texte du XIX^e siècle posant, par nature, tous les problèmes faciles à imaginer. L'objectif était alors pour moi d'alimenter la connaissance générale du lecteur français curieux, après avoir sondé, à maintes reprises, son ignorance du sujet.

Puis, alors que je m'intéressais au Brésil, une œuvre est venue à moi sans que je la cherche : celle d'Harry Laus que j'ai traduite à partir de 1987. Actuellement

veis em francês, e um número especial de revista, que representam 36 volumes da edição portuguesa, a totalidade da obra em prosa, à qual se acrescentam duas coletâneas de poemas dos catorze da edição original. Tenho o projeto de completar a primeira (*À proa de um navio de penedos*) e de organizar uma antologia.

Nesse ritmo, por quase 15 anos fui, para meus colegas tradutores, “a mulher — meio obcecada — de um único homem”, de um único autor.

Admito que, quando me lancei na tradução de Torga, não pensava que teria tempo de me interessar por outro autor. E, no entanto, isso aconteceu. Primeiro, para o aprendizado de uma de minhas filhas: traduzimos juntas duas coletâneas de novelas de Sophia de Mello Breyner. Nesse meio tempo, assumi a tradução de *A História de Portugal* de Oliveira Martins, um texto do século XIX que coloca, naturalmente, todos os problemas facilmente imagináveis. O meu objetivo era alimentar o conhecimento geral do leitor francês curioso, após ter sondado, em várias oportunidades, sua ignorância sobre o assunto.

Então, num momento em que me interessava pelo Brasil, uma obra veio a mim sem que eu procurasse: a de Harry Laus, que traduzi a partir de

quatre titres sont disponibles et un cinquième est prévu pour octobre 2001.

Enfin j'ai découvert Caio Fernando Abreu, en 1989. Actuellement, trois titres sont disponibles, et le quatrième est sous presse, pour une parution en janvier 2001 (Petites Épiphanies).

Voilà les pourquoi et comment qui m'ont amenée à devenir une traductrice... finalement polygame.

J'évoquerai maintenant certains des problèmes rencontrés, au passage entre des textes de nature et d'origine différentes.

Je dois dire que la traduction de l'œuvre de Torga entraîne à l'agilité, puisqu'il a touché à tous les genres, en renouvelant d'ailleurs nombre d'entre eux. À chaque type d'ouvrage, à partir de ma méthode générale de traduction, j'ai dû prendre en compte l'unité certes — c'est ce qui m'intéresse dans la traduction d'une œuvre, laquelle n'est pas une simple addition d'ouvrages — mais aussi la diversité, sans a priori, ni sentiment d'habitude. Comme si c'était à chaque fois la première fois.

La traduction de Harry Laus, Brésilien, ne m'a pas posé de problèmes majeurs. Du fait de la génération à

1987. Há atualmente, quatro títulos disponíveis e um quinto está previsto para outubro de 2001.

Enfim, em 1989, descobri Caio Fernando Abreu. Há atualmente três títulos dele disponíveis, e o quarto está no prelo, para publicação em janeiro de 2001 (*Pequenas epifanias*).

São esses os porquês e o como que fizeram com que eu me tornasse uma tradutora... polígama afinal.

Citarei agora alguns dos problemas encontrados na passagem entre textos de natureza e origem diferentes.

Devo dizer que a tradução da obra de Torga induz à agilidade, uma vez que ele abordou todos os gêneros, renovando, aliás, vários deles. A cada tipo de texto, a partir de meu método geral de tradução, tive que levar em conta a unidade, por certo — é o que me interessa na tradução de uma obra, que não é uma mera soma de títulos — mas também a diversidade, sem *a priori*, nem sensação de rotina. Como se fosse, cada vez, a primeira vez.

A tradução de Harry Laus, brasileiro, não me trouxe maiores problemas. Por causa da geração a

laquelle il appartient (il aurait aujourd'hui 78 ans) et de sa formation (c'est un autodidacte, formé par la lecture des grands auteurs européens), sa langue ne présente pas de considérables différences avec le portugais du Portugal. Juste des problèmes de vocabulaire, souvent d'origine tupi, désignant des réalités locales (la faune, la flore, la cuisine, etc.), problèmes avec lesquels je m'étais déjà familiarisée en traduisant le Deuxième Jour de La Création du Monde de Torga, situé au Brésil.

Mais en arrivant à Caio Fernando Abreu, j'ai dû beaucoup apprendre. J'ai choisi de traduire cette œuvre par désir de confronter ma capacité à reproduire une voix — c'est mon objectif principal dans la traduction, j'y insiste — à une autre voix, bien différente de celle que je fréquentais depuis vingt ans. J'ai été servie !

Caio Fernando Abreu est né en 1948. Comme chez la plupart des écrivains brésiliens de sa génération, la langue portugaise est vraiment devenue le « portugais (Brésil) » comme le disent les premières de couverture ; avec non plus seulement un vocabulaire spécifique, mais une syntaxe propre. Il faut l'apprendre.

Caio est d'origine gaúcha, né à Porto Alegre, Rio Grande do Sul, l'État mitoyen de l'Argentine et de l'Uruguay. C'est peut-être sa seule parenté avec

que pertence (ele teria hoje 78 anos) e de sua formação (é um autodidata, formado pela leitura dos grandes autores europeus), sua língua não apresenta diferenças consideráveis com o português de Portugal, apenas problemas de vocabulário, não raro de origem tupi, designando realidades locais (fauna, flora, culinária etc.), problemas com os quais eu já havia me familiarizado ao traduzir o “Os dois primeiros dias” da *Criação do Mundo* de Torga, ambientado no Brasil.

Mas ao chegar a Caio Fernando Abreu, tive que aprender muito. Escolhi traduzir esta obra por desejo de confrontar minha capacidade de reproduzir uma voz — meu principal objetivo na tradução, insisto — uma outra voz, muito diferente daquela com a qual vinha convivendo havia vinte anos. Foi um prato cheio!

Caio Fernando Abreu nasceu em 1948. Como para a maioria dos escritores brasileiros de sua geração, a língua portuguesa tornou-se verdadeiramente o “português (Brasil)” que aparece nas capas, não só com um vocabulário específico, mas com uma sintaxe própria. É preciso aprendê-la.

Caio é de origem gaúcha, nascido em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, estado fronteiro com Argentina e Uruguai. É, talvez, seu único ponto

Torga, natif du nord-est du Portugal, lui aussi homme de frontière (avec l'Espagne). Il y a dans certains ouvrages de Caio des traces de portunhol, un dialecte mêlant le portugais et l'espagnol. Cela aussi s'apprend.

Durant un quart de siècle, Caio était paulista, c'est-à-dire habitant (parmi quelques 20 millions) de São Paulo. Son univers est donc presque exclusivement « mégalurbain », avec la langue qu'il produit. Pour moi, de Torga à lui, c'était passer de la Montagne à Metropolis !

Caio est nourri d'underground, de musique et de cinéma, d'expériences des limites : il s'est donné pour projet d'être, je le cite, « le biographe des émotions de son temps ». Ceci amène dans son écriture une accélération, un halètement, une violence, qui n'ont rien à voir avec le pas du montagnard Torga, régulier, bien posé, rude mais jamais violent. C'est réellement une « autre voix ». (L'un de ses recueils de nouvelles porte d'ailleurs ce titre).

On me demande souvent si j'utilise des « informateurs » pour résoudre mes difficultés de traduction.

Il y a les auteurs eux-mêmes, bien sûr, qui sont notre confort à nous tous traducteurs, lorsqu'ils sont vivants. Mais je préfère, toujours, essayer d'abord de

em comum com Torga, nativo do nordeste de Portugal, também ele homem de fronteira (com a Espanha). Há em alguns textos de Caio traços de *portunhol*, um dialeto que mistura português e espanhol. Isso também se aprende.

Durante um quarto de século, Caio foi *paulista*, ou seja, habitante (dentre cerca de 20 milhões) de São Paulo. Seu universo é, pois, quase exclusivamente “megaurbano”, com a língua que ele produz. Para mim, passar de Torga a Caio, era como passar da Montanha a Metrópolis.

Caio nutriu-se de *underground*, de música e de cinema, de experiências limites: dedicou-se ao projeto de ser, eu o cito, “o biógrafo das emoções contemporâneas”. Isto traz à sua escrita uma aceleração, uma ofegância, uma violência que nada têm a ver com o passo do montanhês Torga, regular, pausado, rude, mas nunca violento. É realmente uma “outra voz” (uma de suas coletâneas de contos leva, aliás, esse título).

Não raro me perguntam se utilizo “informantes” para resolver minhas dificuldades de tradução.

Os próprios autores são, por certo, quando vivos, um conforto para todos nós tradutores. Mas prefiro, sempre, tentar antes ajudar a mim mesma, e

m'aider moi-même, et plutôt vérifier que demander. Dans l'ensemble, je questionne peu, et seulement pour des difficultés de sens. Pour les autres, de traduction proprement dite, la règle torquienne me convient: « j'ai pris mes risques, me disait-il, prenez les vôtres ! ». Chacun son territoire et sa compétence.

Pour l'œuvre de Torga, j'ai résolu maintes difficultés, de compréhension au sens large, en m'appuyant sur vingt ans de séjours réguliers dans sa région de Trás-os-Montes, et sur mes propres origines terriennes. Mes grands-parents lozériens n'auraient pas été dépaysés à São Martinho de Anta, le village natal de Torga.

Harry Laus est originaire du sud du Brésil : j'y ai fait un long séjour de découverte. Car le goût européen de l'exotisme — qui s'abreuve au folklore du Brésil du Nord, celui de Jorge Amado — a complètement occulté cette région...

Pour traduire Caio, un bref passage à São Paulo, que l'auteur lui-même supportait mal, constituait mon maximum : je ne me voyais pas fréquentant l'underground paulista... Alors j'ai consulté quelques comparses français, familiers des milieux fréquentés et écrits par lui. J'ai utilisé des lexiques vivants, en quelque sorte, pour m'initier, ou me confirmer que j'étais bien dans le ton et le vocabulaire adéquats. De

mais verificar do que perguntar. Em geral, questiono pouco, e somente para dificuldades de sentido. Para as outras, de tradução propriamente dita, a regra torguiana me convém: “eu assumi meus riscos, me dizia ele, assumo os seus!”. Cada qual com seu território e sua competência.

Na obra de Torga, resolvi muitas dificuldades, de compreensão em sentido amplo, amparando-me em vinte anos de estadas regulares na sua região de Trás-os-Montes e em minhas próprias origens interioranas. Meus avós, de Lozère, não se sentiriam desambientados em São Martinho de Anta, vilarejo natal de Torga.

Harry Laus é originário do sul do Brasil: passei lá um longo período de descoberta, já que o gosto europeu pelo exotismo — que se alimenta do folclore do norte do Brasil, aquele de Jorge Amado — ofuscou completamente essa região.

Para traduzir Caio, uma breve passagem por São Paulo, cidade que era difícil para o próprio autor, constituiu o meu máximo: não me via frequentando o *underground* paulista... Consultei então alguns colegas franceses, familiarizados com os ambientes frequentados e descritos por ele. Utilizei léxicos vivos, de certa forma, para me iniciar ou confirmar que eu estava mesmo no tom e no

même pour la partie militaire de la vie de Harry Laus. Ou pour les chapitres des navigations de découverte dans l'Histoire du Portugal, par exemple.

Enfin, dans tous les cas, je trouve une aide très forte dans la pratique de la lecture à haute voix du texte original. Elle élucide, par l'accent qu'elle met sur les choix sonores et rythmiques de l'auteur. Le ton, en portugais d'ici ou d'ailleurs, ou pour mieux dire la voix, c'est ainsi que je la trouve.

Je voudrais maintenant conclure en rapprochant le rôle du traducteur et son statut.

Le traducteur assume un grand nombre de tâches.

Il a une fonction critique, de lecture interprétative du texte, et notamment de son sens formel et c'est là que le traducteur s'approche au plus près du créateur. C'est dire que la maîtrise de la langue-source est nécessaire mais insuffisante. Plutôt que de maîtrise, il faudrait parler de familiarité.

La traduction est, bien sûr, un acte d'écriture — mais de traducteur-écrivain et non l'inverse — au service d'une écriture et non pour exercer la sienne. C'est dire que la maîtrise de la langue d'arrivée est préalable et indispensable ainsi que, à mon sens, son amour.

vocabulário adequado. Foi assim também com a vida militar de Harry Laus ou com os capítulos das grandes navegações na *História de Portugal*, por exemplo.

Enfim, em qualquer caso, encontro uma enorme ajuda na prática da leitura em voz alta do texto original, elucidativa pela ênfase que coloca nas escolhas sonoras e rítmicas do autor. É assim que encontro o tom, ou melhor dizendo, a voz, em português daqui ou de lá.

Gostaria agora de concluir fazendo uma aproximação entre o papel do tradutor e o seu status.

O tradutor assume um grande número de tarefas.

Ele tem uma função crítica, de leitura interpretativa do texto, notadamente de seu sentido formal, e é aí que o tradutor se aproxima do criador. Isso significa que o domínio da língua fonte é necessário, mas insuficiente. Mais do que em domínio, deveríamos falar em familiaridade.

A tradução é, com certeza, um ato de escrita — mas de tradutor-escritor e não o inverso — a serviço de uma escrita e não para exercer a sua própria. Isso equivale a dizer que o domínio da língua de chegada é uma condição prévia e indispensável, assim como, a meu ver, o amor por ela.

La traduction est, en tout cas, un acte linguistique, mais pas seulement dans le sens de la conservation : dans celui de l'émancipation également. Fréquenter une langue étrangère, particulièrement une langue littéraire, éveille les possibilités de notre propre langue, produit des audaces, du plus grand intérêt pour sa bonne santé.

Les responsabilités du traducteur découlent de tous les mots graves que j'ai eu l'occasion de prononcer : connaissance, compréhension, rapprochement, écriture, interprétation, conservation et émancipation. Et le mauvais exercice de ces responsabilités peut être assassin. Certains auteurs ne se remettent pas de leur 'traduction'...

Or la majorité des traducteurs n'a que peu de moyens d'exercer sereinement ses responsabilités. Bien que la loi nous reconnaisse le statut d'auteur en exigeant que nous soyons rémunérés au pourcentage, cette obligation est ramenée à un symbolique 1%, parent du franc symbolique en réparation. Un traducteur confirmé obtient 2%, un traducteur illustre 3%. Un à-valoir sur droits nous est versé, sur la base d'un tarif à la page. Mais nous avons le plus grand mal à obtenir qu'il soit fixé par nous, qui sommes pourtant les seuls à pouvoir évaluer le travail requis, et cet à-valoir n'est pas toujours intégralement versé. Financièrement, les traducteurs sont donc sous-estimés. Pour

A tradução é, em todo caso, um ato linguístico, mas não somente no sentido da conservação: igualmente da emancipação. Ter contato com uma língua estrangeira, particularmente com uma literária, desperta as possibilidades da nossa própria língua, produz ousadias do maior interesse para seu vigor.

As responsabilidades do tradutor decorrem de todas as palavras sérias que tive a oportunidade de pronunciar: conhecimento, compreensão, aproximação, escrita, interpretação, conservação e emancipação. E o mau exercício destas responsabilidades pode ser um assassinato. Certos autores nunca se recuperam de sua “tradução”...

Ora, a maioria dos tradutores tem poucos meios de exercer serenamente suas responsabilidades. Mesmo que a lei nos reconheça o status de autor, exigindo que sejamos remunerados por percentual, esta obrigação é reduzida a um simbólico 1% de compensação. Um tradutor consolidado obtém 2% e um tradutor famoso, 3%. Um adiantamento sobre os direitos nos é repassado, com base no valor da lauda. Mas é a maior dificuldade fazer com que esse valor seja fixado por nós, que somos, no entanto, os únicos capazes de avaliar o trabalho requerido, e este adiantamento nem sempre é integralmente pago. Portanto, financeiramente, os tradutores são subes-

les traducteurs à temps plein, l'ampleur de la tâche se heurte à l'exigüité de leur rémunération : un travail acharné produit au mieux un SMIG. Et ils sont encore littérairement négligés : il a fallu un décret (du 18 mai 1979), pour faire appliquer le droit du traducteur à figurer sur les couvertures et tous documents concernant le livre traduit. Un droit qui doit être constamment rappelé, quelquefois plaidé. Faut-il ajouter qu'un nombre infime d'entre nous a le choix des auteurs et des ouvrages à traduire, et que les autres sont recrutés à la tâche, un peu comme les dockers sur les quais.

J'ai la chance de travailler, exclusivement désormais, pour les éditions José Corti. Je ne peux manquer de leur rendre hommage.

Grâce à elles, et aux quelques-unes de leurs qualités, hélas menacées par les dérapages du commerce et de la diffusion du livre, on peut espérer que les traducteurs pourront, encore longtemps, exercer leur métier d'art, que Miguel Torga définissait ainsi : « Un effort pour rendre communicatif, fraternel, généreux, le don singulier qu'un mortel fait aux autres mortels ».

*À l'initiative de la Bibliothèque municipale de Céret,
le 8 décembre 2000.*

timados. Para os tradutores em tempo integral, a amplitude da tarefa contrasta com a medíocre remuneração: um trabalho árduo produz, na melhor das hipóteses, um salário mínimo. E ainda são literariamente negligenciados: foi preciso um decreto (18 de maio de 1979) para que se aplicasse o direito de o tradutor constar na capa e em todos os documentos relacionados ao livro traduzido. Um direito que deve ser constantemente lembrado, às vezes cobrado. Será necessário acrescentar que um número ínfimo dentre nós pode escolher autores e obras a traduzir, sendo os demais recrutados por tarefa, um pouco como estivadores nas docas?

Tenho atualmente a sorte de trabalhar com exclusividade para a editora José Corti. Não posso deixar de prestigiá-la.

Graças a ela e algumas de suas qualidades, infelizmente ameaçadas pelas vicissitudes do comércio e distribuição do livro, é de se esperar que os tradutores possam, por muito tempo ainda, exercer seu trabalho de arte, que Miguel Torga assim definia: “Um esforço para tornar comunicativa, fraterna, generosa, a dádiva singular de um mortal a outros mortais”.

Uma iniciativa da Biblioteca Municipal de Céret,
em 8 de dezembro de 2000.



Harry Laus

(1922 - 1992)

Présentation de Claire Cayron

« IL A CHANTÉ, RI, FAIT LA FÊTE, souffert, pleuré, aimé, il a vécu ». Cette affirmation de l'universitaire brésilienne Zahidé Lupinacci Muzart aurait pu servir d'épithète à Harry Laus, s'il n'avait déjà choisi la sienne, issue de son Journal absurde : « Ne pas se borner à accepter la vie, mais l'endurer, l'interpréter, la conduire vers une fin qui la justifie en totalité ». Et la vie de Harry Laus a été des plus complexes.

Il est né à Tijucas, une petite ville de l'État de Santa Catarina, au sud du Brésil, dans une famille d'origine allemande dont les premiers représentants étaient arrivés de Prusse en 1847. Orphelin de mère à l'âge de six ans, il était le 14^e d'une fratrie de seize enfants issus des trois mariages de son père. La très modeste situation familiale l'a conduit dans l'armée dès l'âge de dix-sept ans. Il en est sorti avec le grade

Harry Laus

(1922 - 1992)



Apresentação de Claire Cayron

“CANTOU, RIU, PANDEGOU, sofreu, chorou, amou, viveu”^{1*}. Essa declaração da professora universitária brasileira Zahidé Lupinacci Muzart poderia ter servido de epitáfio a Harry Laus, se ele já não tivesse escolhido o seu, extraído de seus *Diários*: “É fundamental que não se aceite simplesmente a vida: é preciso sofrê-la, interpretá-la, dirigi-la a um fim que tudo justifique”². E a vida de Harry Laus foi das mais complexas.

Nasceu em Tijucas, uma pequena cidade do estado de Santa Catarina, sul do Brasil, em uma família de origem alemã, cujos primeiros representantes vieram da Prússia em 1847. Órfão de mãe aos seis anos de idade, foi o 14º dos dezesseis filhos nascidos dos três casamentos de seu pai. A situação familiar muito modesta conduziu-o para as Forças Armadas aos dezessete anos. Saiu de lá

* As notas se encontram no final do texto.

de lieutenant-colonel, à l'occasion du coup d'État de 1964, après une carrière tourmentée et périlleuse, en raison des différentes formes de son inadaptation au milieu militaire.

L'une d'elle est la vocation littéraire qu'il a revendiquée dès 1947, et développée confidentiellement jusqu'en 1953 où, sous un pseudonyme, il a été couronné pour un essai sur l'œuvre de Ibsen. Durant ces années, de caserne en caserne, il s'est formé intellectuellement dans la plus grande solitude, et souvent le plus grand inconfort, avec un acharnement parfois désespéré, dont témoignent les premières années de son Journal absurde, commencé à l'École militaire.

L'autre motif d'inadaptation était son homosexualité. Dans son dernier ouvrage, le roman Les Jardins du Colonel, on peut lire : « Au cours de sa carrière, il avait parfois relâché la vigilance qu'il exerçait sur lui-même, et la continence forcée avait explosé ici ou là. La dissimulation alors se lézardait, l'obligeant à abandonner les déguisements qui travestissaient sa personnalité, au point de ne plus se reconnaître lui-même ». Le Journal absurde, encore inédit au Brésil dans sa version intégrale, rend compte, entre autres témoignages, des risques et périls encourus.

« Jamais je n'ai rencontré personne qui eût moins la

com a patente de tenente-coronel, por ocasião do golpe de 1964, após uma carreira difícil e atormentada por conta das diferentes formas de inadaptação ao meio militar.

Uma delas é a vocação literária que ele reivindicou já em 1947, e desenvolveu confidencialmente até 1953 quando, sob um pseudônimo, foi premiado por um ensaio sobre a obra de Ibsen. Durante esses anos, de quartel em quartel, formou-se intelectualmente na mais completa solidão e, não raro, no maior desconforto, com uma fúria por vezes desesperada, como atestam os primeiros anos de seus *Diários*, iniciados na Escola Militar.

O outro motivo de inadaptação era sua homossexualidade. Em seu último trabalho, o romance *Os papéis do coronel*, pode-se ler: “Em todo o tempo da carreira militar, algumas vezes rompia-se a vigilância que mantinha sobre si e a continência forçada arrebatava qualquer barreira. A dissimulação fendia-se, obrigando-o a desfazer-se de todos os disfarces que fantasiavam sua personalidade ao ponto de nem sempre reconhecer-se neles”³. Os *Diários*, ainda inéditos no Brasil em sua versão integral, dão conta, entre outros testemunhos, das dificuldades e riscos corridos.

“Nunca conheci ninguém que tivesse menos

vocation militaire que ce garçon de Santa Catarina, civil par nature et par conviction, né pour vivre libre et bohême, non pour marcher au pas », a écrit Jorge Amado dans une préface. Cependant, la vie militaire a aussi nourri l'œuvre de Harry Laus : plusieurs de ses 55 nouvelles y ont trouvé leur cadre et leur sujet.

Au bout d'une dizaine d'années d'intense activité littéraire, Harry Laus a saisi l'occasion, à partir de 1962, de développer son goût pour les arts plastiques, en devenant successivement chargé de la rubrique correspondante dans divers quotidiens de Rio de Janeiro, notamment le Jornal do Brasil puis de la revue Veja, en relation étroite avec son amie la galeriste Ceres Franco. Membre de l'Association Brésilienne et Internationale des critiques d'art, il a participé en 1971 et 1972 au jury de la Biennale de São Paulo.

Il s'est retiré à partir de 1976 dans son État natal, où il a dirigé le musée de Joinville puis le M.A.S.C. (Museu de Arte de Santa Catarina). À ce poste, il a promu et rédigé le catalogue des artistes plasticiens catarinenses. La poursuite de son Journal, trois romans, un recueil de nouvelles sur le sujet de « l'amour banni » et un « documentaire autobiographique » marquent également cette dernière période de sa vie.

vocação militar que esse rapaz de Santa Catarina, civil por natureza e por convicção, nascido para viver livre e boêmio, não para marchar”⁴, escreveu Jorge Amado em um prefácio. No entanto, a vida militar também alimentou a obra de Harry Laus: vários de seus 55 contos nela encontraram seu cenário e seu tema.

Ao fim de uma década de intensa atividade literária, Harry Laus aproveitou a oportunidade, a partir de 1962, de desenvolver seu gosto pelas artes plásticas, assumindo, sucessivamente, a coluna correspondente em diversos jornais do Rio de Janeiro, notadamente do *Jornal do Brasil* e também da revista *Veja*, em estreita relação com sua amiga, a galerista Ceres Franco. Membro da Associação Brasileira e Internacional de Críticos de Arte, participou em 1971 e 1972 do júri da Bienal de São Paulo.

Em 1976, retornou ao seu estado natal, onde dirigiu o Museu de Joinville e depois o MASC (Museu de Arte de Santa Catarina). Nesse cargo, promoveu e redigiu o catálogo dos artistas plásticos catarinenses. Três romances, uma coletânea de contos sobre o tema do “amor banido”, um “documentário autobiográfico” e a continuação de seus *Diários*, marcam igualmente esse último período de sua vida.

Une attention mélancolique à la fragilité humaine, fruit de la multiplicité de ses expériences de vie, l'exigence formelle de simplicité, et la sensibilité visuelle trace de son autre vocation artistique, caractérisent l'écriture de Harry Laus.

A atenção melancólica à fragilidade humana, fruto da multiplicidade de suas experiências de vida, a exigência formal de simplicidade e a sensibilidade visual, traço de sua outra vocação artística, caracterizam a escrita de Harry Laus.

Notas:

¹ MUZART, Zahidé Lupinacci. “Harry Laus: 70 anos”. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Tempo e andanças de Harry Laus*. Florianópolis: EDUFSC; Fund. Cultural Prometheus Libertus, 1993, p. 9.

² Cf. Zahidé L. Muzart, essa citação se encontra no primeiro diário, o “Diário quase íntimo”. Os *Diários*, segundo Taíze Rauen Moraes, “constituem um conjunto de sete cadernos manuscritos e três pastas, doados após a morte do escritor ao Núcleo de Documentação e Memória da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e atualmente está albergado no Projeto Memória (CCE). Integram um acervo mais amplo composto por cartas, notas, fotos e esquemas de projetos de contos, romances e peças teatrais sob a guarda da Profª Drª Zahidé Lupinacci Muzart, que vem desenvolvendo estudos e estimulando pesquisas no sentido de torná-lo público e investigado”. MORAES, Taiza Mara Rauen. “*Diários: espaço de presença e ausência de Harry Laus — edição crítica e genética*”. Tese de doutoramento em Teoria da Literatura, UFSC. Florianópolis, 2002.

³ Citação original em: LAUS, Harry. *Os papéis do Coronel*. Florianópolis: EDUFSC, 2004, 3ª ed., p. 102.

⁴ Tradução nossa, pois não foi possível localizar a citação original. Jorge Amado escreveu dois diferentes prefácios para duas obras de H. Laus (cf. bibliografia, p. 73).



Harry Laus: excerto

[...] ALECRIM permanece de atalaia, guardando e aguardando o nada, vazia de ideias e de ambições.

Escolhida a faca mais afiada, uma toalha para aparar o sangue que vai jorrar e sujar-lhe as mãos, o lençol para envolver Alecrim e ocultar o corpo no lago da pedra grande, Rosmarino sucumbe ao desespero, refutando qualquer argumento de lógica e prudência, numa noite de céu encoberto, ausente de lua e de estrelas. A passos rápidos, sai do quarto, atravessa a sala, sente na varanda o frio da madrugada alfinetando seu peito, a paisagem apagada de todas as ressonâncias de cor e de horizonte, atravessa o jardim e penetra o tecido de sombras que o separa de Alecrim.

Trêmulo e agitado à porta da casinha, tateia o escuro até tocar, com um arrepio, o pelo liso e quente do animal que não se assusta, apenas levanta-se e aparece na abertura, entregando-se docilmente ao abraço de Rosmarino. A faca tomba de sua mão com um ruído abafado na terra batida pelas patas do animal, cai a toalha, o lençol

Harry Laus: un extrait

[...] L'ANIMAL est toujours aux aguets, sentinelle du néant, vide d'idées et d'ambitions.

Il choisit le couteau le plus tranchant, une serviette pour éponger le sang qui va jaillir et lui souiller les mains, un drap pour envelopper Romarine, cacher le corps dans le puits du gros rocher et par une nuit noire, sans lune et sans étoiles, succombe au désespoir, écartant tout argument logique et de prudence. À pas rapides, il sort de sa chambre, traverse le salon, sent sur la terrasse le froid du matin qui picote sa poitrine, devine l'horizon et le paysage privé de tous repères colorés, traverse le jardin et s'enfonce dans le tissu d'ombres qui le sépare de Romarine.

Parvenu au seuil de la cabane, tremblant et agité, il tâtonne dans l'obscurité jusqu'à toucher, avec un frisson, le poil lisse et chaud de la bête qui ne s'effraie pas, se lève et apparaît dans l'ouverture de la porte, s'offrant docilement à son étreinte. Le couteau tombe de ses mains avec un bruit sourd sur le sol battu par les sabots de l'animal, la serviette tombe aussi, et le

e Rosmarino suspende a cabra nos braços à altura do peito e dois corações descompassados parecem bater no mesmo corpo. Ao desprender a corda do pescoço de Alecrim, ele é tomado por uma onda de intensa ternura, acaricia a pequena cabeça da cabra e tenta encontrar os olhos de avelã rajados de amarelo que a escuridão não revela.

Respirando no mesmo ritmo que Alecrim, Rosmarino tem sua cabeça inclinada para a direita, sobre o pescoço do animal, e não se dá conta de que volta para sua casa, sobe os degraus para a varanda e, com todo cuidado, deposita Alecrim sobre a poltrona. No mesmo andar lento e oscilante, um vago sorriso nos lábios, volta a casinha de Alecrim.

(in *Sentinela do nada*. Rio de Janeiro: Gráfica Cervantes Editora Ltda, n/d. p. 21-22).

drap ; il prend la chèvre dans ses bras à hauteur de sa poitrine, et leurs deux cœurs, à contretemps, semblent battre dans un même corps. En ôtant la corde au cou de Romarine, il est submergé par une vague de tendresse intense, caresse la petite tête de la chèvre et tente de deviner les yeux noisettes rayés de jaune que l'obscurité lui dérobe.

Respirant au même rythme qu'elle, il penche la tête contre le cou de Romarine et, inconsciemment, revient chez lui, monte les marches de la terrasse et, avec beaucoup de précaution, l'installe dans le fauteuil. Puis, du même pas lent et hésitant, un vague sourire aux lèvres, Rosmarino retourne à la cabane.

(in Sentinelle du néant. Traduit par Claire Cayron.

Paris: Editons José Corti, 1998.)



Caio Fernando Abreu

(prononcer abréou) (1948 - 1996)

Présentation de Claire Cayron

NOUVELLISTE, ROMANCIER, scénariste, auteur dramatique et journaliste né en 1948 à Santiago do Boqueirão, petite ville de l'Etat du Rio Grande do Sul, frontalière de l'Argentine, qui figure dans son œuvre sous le nom de Passo da Guanxuma.

Son grand-père Manuel et son père Zaél étaient grands maîtres francs maçons ; sa mère professeur d'histoire et de philosophie.

Caio Fernando Abreu a commencé à écrire dès l'âge de quatorze ans, à l'occasion d'un concours organisé par son lycée où fut couronné « La malédiction des Saint-Marie », mélodrame situé dans un château des Pyrénées... En publiant ce récit en 1995, dans un recueil en forme de biographie littéraire intitulé en toute provocation : Brebis galeuses, l'auteur remarque malicieusement : « Le succès fut énorme : les filles fai-

Caio Fernando Abreu

(1948 - 1996)



Apresentação de Claire Cayron

CONTISTA, ROMANCISTA, roteirista, dramaturgo e jornalista, nascido em 1948 em Santiago do Boqueirão, cidadezinha do Estado do Rio Grande do Sul, fronteira com a Argentina, que aparece em sua obra sob o nome de Passo da Guanxuma.

Seu avô Manuel e seu pai Zaél eram grão-mestres da maçonaria; sua mãe, professora de história e filosofia.

Caio Fernando Abreu começou a escrever aos catorze anos, por ocasião de um concurso organizado pela sua escola, no qual foi premiado por “A maldição dos Saint-Marie”, melodrama^{1*} ambientado em um castelo dos Pireneus... Ao publicar essa história em 1995, numa coletânea em forma de biografia literária provocativamente intitulada *Ovelhas negras*, comenta maliciosamente o autor:

* As notas se encontram no final do texto.

saient la queue pour le lire (il n'y avait qu'une copie, écrite sur un cahier de la marque « En avant » avec un stylo Parker 51) ».

Après des études de Lettres et d'Art Dramatique à Porto Alegre et quelques publications en revue dès 1966, il s'installe à São Paulo de 1968 à 1994 et travaille comme reporter notamment à la revue Veja, puis comme rédacteur et chroniqueur au quotidien O Estado de São Paulo. Mais les difficultés politiques et économiques de la vie brésilienne lui ont fait exercer bien d'autres métiers, notamment pour financer de nombreux voyages en Europe : il a été plongeur à Londres, modèle aux Beaux-Arts de Paris, etc.

Il a publié son premier recueil en 1970. Dans les deux dernières années de sa vie, il s'était retiré à Porto Alegre, capitale de son État d'origine ; il s'est alors consacré à la révision de l'intégralité de son œuvre.

Au bout d'une carrière arrêtée par le sida à l'âge de 48 ans, la bibliographie de Caio Fernando Abreu comporte 8 recueils de nouvelles, 2 romans, 7 pièces de théâtre toutes représentées, plusieurs scénarios et le recueil de ses chroniques dans le quotidien O Estado de São Paulo, de 1986 à 1995, sous le titre Petites épiphanies. Il a reçu dans son pays de nombreux prix et distinctions. Son œuvre est également traduite en anglais, italien et néerlandais.

“O sucesso foi enorme: as meninas faziam fila para ler (só havia uma cópia, escrita em caderno Avante com caneta Parker 51)².”

Após cursar Letras e Artes Cênicas em Porto Alegre e algumas publicações em revistas a partir de 1966, se estabelece em São Paulo de 1968 a 1994, trabalhando como repórter, principalmente para a revista *Veja*, e como redator e cronista do jornal *O Estado de São Paulo*. As dificuldades políticas e econômicas da vida brasileira levaram-no a exercer outras atividades, especialmente para financiar várias viagens à Europa: foi lavador de pratos em Londres, modelo na Belas-Artes de Paris etc.

Publicou sua primeira coletânea em 1970. Nos dois últimos anos de sua vida, retirou-se em Porto Alegre, capital do seu estado natal, dedicando-se à revisão do conjunto de sua obra.

Ao fim de uma carreira interrompida aos 48 anos pela AIDS, a bibliografia de Caio Fernando Abreu inclui 8 coletâneas de contos, 2 romances, 7 peças — todas encenadas —, vários roteiros e a coletânea de suas crônicas para o jornal *O Estado de São Paulo*, de 1986 a 1995, sob o título de *Pequenas epifanias*. Recebeu vários prêmios e distinções em seu país. Sua obra foi também traduzida para o inglês, o italiano e o holandês.

(...)

Admirateur de Clarice Lispector, qui l'appelait « Don Quichotte », il est dit « biographe des passions » par son amie Lygia Fagundes Telles. Lui-même s'est ainsi défini en 1995, au bout d'une courte existence passée à guetter, éprouver et transcrire les avatars de la réalité : « Je suis un lieu commun incarné. Dans les années 50, j'ai fait de la moto et dansé le rock. Dans les années 60, j'ai été arrêté comme communiste. Puis je suis devenu hippie et j'ai tâté de toutes les drogues. Je suis passé par une phase « punk » et une autre « dance ». Il n'y a pas une expérience-cliché de ma génération que je n'aie vécue. Le sida est simplement le visage-cliché de ma mort. »

Le recueil Petites épiphanies s'ouvre sur cette déclaration : « Quand tout paraît sans issue, on peut toujours chanter, je continue à le penser. Voilà pourquoi j'écris ».

(...)

Admirador de Clarice Lispector, que o chamava de “Dom Quixote”, foi descrito como “biógrafo das paixões” por sua amiga Lygia Fagundes Telles³. Ele próprio assim se definiu em 1995, após uma curta existência em que passou a espreitar, experimentar e retratar as vicissitudes da realidade: “Sou uma pessoa clichê. Nos anos 50, andei de motocicleta e dancei rock. Nos anos 60, fui preso como comunista. Depois, virei hippie e experimentei todas as drogas. Passei por uma fase punk e outra dance. Não há nenhuma experiência clichê de minha geração que eu não tenha vivido. O HIV é simplesmente a face da minha morte.”⁴

A coletânea *Pequenas epifanias* inicia com esta declaração: “Continuo a pensar que quando tudo parece sem saída, sempre se pode cantar. Por essa razão escrevo.”⁵

Notas:

¹ Assim classificado por Caio Fernando Abreu na Introdução de *Ovelhas Negras*, L&PM, 2009, p. 3.

² Citação original em: ABREU, Caio Fernando. “A maldição dos Saint-Marie”, in *Ovelhas Negras*. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 11.

³ De acordo com Daniel Furtado Silva, Caio F. Abreu foi chamado, na verdade, de “biógrafo da emoção”, expressão surgida pela primeira vez numa conversa entre Caio e seu terapeuta. Cf. SILVA, Daniel Furtado. “Memória e teatralidade: interpenetrações na obra de Caio Fernando Abreu” in *Literatura em Debate*. F. Westfalen: URI, v. 4, n° 1 2010. Disponível em: http://www.fw.uri.br/publicacoes/literaturaemdebate/artigos/10Daniel_Furtado_Silva.pdf .

⁴ Citação original em: FRANCO, Carlos. “Um último sopro de vida”, in *Jornal do Brasil*, Caderno Idéias, 31/08/1996. Disponível em: <http://blogdofranco.blogspot.com.br/2006/02/um-ltimo-sopro-de-vida.html>.

⁵ Citação original em: ABREU, Caio Fernando. *Pequenas epifanias*. São Paulo: Agir, 2006, p. 19.



Claire Cayron e Caio Fernando Abreu na Maison
des Ecrivains Etrangers et des Traducteurs,
em Saint-Nazaire, França. © foto Anne Bihan.




Caio Fernando Abreu: excerto

SOL ENTROU ONTEM em Libra. E porque tudo é ritual, porque fé, quando não se tem se inventa, porque Libra é a regência máxima de Vênus, o afeto, porque Libra é o outro (quando se olha e se vê o outro, e de alguma forma tenta-se entrar em alguma espécie de harmonia com ele), e principalmente, porque Deus, se é que existe, anda distraído demais, resolvi chamar a atenção dele para algumas coisas. Não que isso possa acordá-lo de seu imenso sono divino, enfasiado de humanos, mas para exercitar o ritual e a fé — e para pedir, mesmo em vão, porque pedir não só é bom, mas às vezes é o que se pode fazer quando tudo vai mal.

[...] Que no zero grau de Libra, a balança pese exata na medida do aço frio da espada da justiça. Mas para nós, que nos esforçamos tanto e sangramos todo dia sem desistir, envia teu Sol mais luminoso, esse Zero Grau de Libra. Sorri, abençoa nossa amorosa miséria atarantada.

“Zero Grau de Libra”, in *Pequenas epifanias*.
São Paulo: Agir, 2006. p. 40.)

Caio Fernando Abreu : un extrait 

LE SOLEIL EST ENTRÉ hier dans la Balance. Et parce que tout est rituel, parce que la foi quand on ne l'a pas on l'invente, parce que la Balance est l'influence suprême de Vénus — l'amour —, parce que la Balance c'est l'Autre (quand on regarde et voit l'Autre, et qu'on essaie de quelque manière d'entrer dans une sorte d'harmonie avec lui) ; et principalement parce que Dieu, s'il existe, est encore trop distrait, j'ai décidé d'attirer son attention sur certaines choses. Non que cela puisse le réveiller de son immense sommeil divin, las des humains, mais pour pratiquer le rituel et la foi — et pour demander, même en vain, car demander non seulement c'est bon, mais c'est parfois la seule chose à faire quand tout va mal.

[..] Qu'au degré zéro de la Balance pèse avec justesse, dans le plateau, l'acier glacé de l'épée de justice. Mais sur nous, nous qui faisons tant d'efforts et saignons tous les jours sans nous résigner, envoie ton lumineux Soleil, celui du degré zéro de la Balance. Souris, bénis notre misère d'amoureux transis.

(« Degré zéro de la Balance », in *Petites épiphanies*.
Traduit par Claire Cayron. Paris: José Corti, 2001.)



A propos de Claire Cayron

(12 avril 1935 - 2 juillet 2002)

CLAIRE CAYRON A TRADUIT une quarantaine d'ouvrages qui ont fait connaître en France le Portugais Miguel Torga et les Brésiliens Harry Laus et Caio Fernando Abreu. Membre fondateur des Assises de la traduction littéraire en Arles (ATLAS), elle est l'auteur de l'essai Sésame, pour la traduction. Une nouvelle de Miguel Torga. Docteur ès lettres — sa thèse, La Nature chez Simone de Beauvoir, paraît chez Gallimard en 1973 —, Claire Cayron a enseigné la littérature générale et comparée à l'IUT Métiers du Livre de Bordeaux jusqu'à sa retraite. En 2009, une partie de ses archives a rejoint les collections de la Bibliothèque nationale de France grâce au don effectué par sa fille, Alice Caffarel, au département des Manuscrits.

Sobre Claire Cayron

(12 de abril de 1935 - 2 de julho de 2002)

CLAIRE CAYRON TRADUZIU cerca de quarenta obras que tornaram conhecidos na França o português Miguel Torga e os brasileiros Harry Laus e Caio Fernando Abreu. Membro fundadora da ATLAS [Encontros de Tradução Literária em Arles], é autora do ensaio [*Sésamo, para a tradução. Um conto de Miguel Torga*]. Doutora em Letras — sua tese, [*A Natureza na obra de Simone de Beauvoir*], é publicada pela Gallimard em 1973 —, Claire Cayron lecionou literatura geral e comparada no IUT Ofícios do Livro de Bordeaux até se aposentar. Em 2009, parte de seus arquivos foi incorporada às coleções da Biblioteca Nacional da França, graças à doação efetuada por sua filha, Alice Caffarel, ao Departamento de Manuscritos¹.

¹ BNF, Manuscrits, NAF 28596, fonds Claire Cayron. O inventário está disponível em: <http://archivesetmanuscrits.bnf.fr/>

C'est au cours de ses études d'espagnol à l'université de Bordeaux que Claire Cayron découvre « par hasard » le portugais, « une langue redondante, superfluate, hyperbolique, emphatique, fanfaronnante. C'est ainsi qu'il m'a séduite d'abord. » Le point de cristallisation sera la découverte de l'œuvre de Miguel Torga en 1955-1956.

Décider de traduire Miguel Torga en 1955 répondait pour Claire Cayron à une sorte de nécessité intérieure. Mais de 1955 au début des années 1970, divers événements ont éloigné Claire Cayron du Portugal, de sa langue et de sa littérature. Son divorce, dont elle tire les réflexions de l'ouvrage Divorce en France : un témoignage, l'oblige à quelques années d'activités alimentaires qui retardent d'autant la réalisation de ses projets universitaires. Elle ne parvient à se consacrer à sa thèse de troisième cycle sur Simone de Beauvoir qu'en 1970 et ce n'est que le 10 octobre 1973, après la soutenance, qu'elle peut enfin écrire à Miguel Torga pour lui proposer de traduire en français son Journal dont le onzième tome vient de paraître au Portugal.

L'Association des traducteurs littéraires de France (ATLF) naît en 1973 au moment où Claire Cayron se lance, « en free lance », dans la traduction de l'œuvre de Torga. Dans les Confessions d'une traductrice solitaire, elle souligne l'isolement et la

Ao longo de seus estudos de espanhol na universidade de Bordeaux é que Claire Cayron descobre “por acaso” a língua portuguesa, “uma língua redundante, superflua, hiperbólica, enfática, fanfarronante. Foi assim que ela me seduziu de início.” O ponto de cristalização seria a descoberta da obra de Miguel Torga em 1955-1956.

Para Claire Cayron, decidir traduzir Miguel Torga, em 1955, respondia a uma espécie de necessidade interior. Mas de 1955 ao início dos anos 70, diversos acontecimentos distanciaram Claire de Portugal, de sua língua e literatura. Seu divórcio, que inspira as reflexões do livro [*Divórcio na França: um testemunho*], a obriga a alguns anos de atividade de subsistência que adiam a realização de seus projetos acadêmicos. Só em 1970 consegue se dedicar à sua tese de doutoramento sobre Simone de Beauvoir, e só em 10 de outubro de 1973, após a defesa, pode enfim escrever a Miguel Torga propondo traduzir em francês seu *Diário*, cujo décimo-primeiro volume acabava de ser publicado em Portugal.

A ATLF [Associação dos tradutores literários da França] nasce em 1973 no momento em que Claire Cayron se lança, como “freelancer”, na tradução da obra de Torga. Em seu [*Confissões de uma tradutora solitária*], ela destaca o isolamento e

ténacité qui furent son lot à ses débuts, inventant tout à partir de rien, depuis le démarchage éditorial jusqu'à la mise au point d'un contrat de traduction en bonne et due forme. Aussi Claire Cayron est-elle de l'aventure lorsque les Assises de la traduction littéraire sont créées sous l'égide de l'ATLF. Présente dès les débuts, elle est membre du conseil d'administration des Assises pendant plusieurs années.

À cette époque, dans ses écrits, conférences ou entretiens, Claire Cayron s'attache à définir son acception personnelle de la notion de déontologie. Du point de vue du traducteur : refus de l'ethnocentrisme (« on a le devoir de faire voyager une œuvre, on n'a pas le droit de l'expatrier »), exigence de littérarité (« on n'a pas le droit de transformer un artiste de la langue en parleur besogneux »), souplesse empirique entre audace et prudence (« ce qui est redoutable, c'est le passage de la littéralité au littéralisme »). Du point de vue de l'auteur : exercice souverain du droit moral, confiance en, et disponibilité pour, son traducteur.

Cette déontologie de la traduction, qui confère à la figure de la traductrice sa liberté et son autorité morale, Claire Cayron l'hérite aussi de certains de ses maîtres : George Steiner, Antoine Berman, Henri Meschonnic..., autant de références attendues sous la plume d'une traductrice qui affirme le rôle central

tenacidade que foram seu quinhão no começo da carreira, inventando tudo a partir de nada, desde a prospecção editorial até o estabelecimento de um contrato de tradução como manda o figurino. Claire Cayron faz parte da aventura quando é criada a ATLAS sob a égide da ATLE. Presente desde o início, foi membra do conselho de administração da ATLAS durante vários anos.

Nessa época, em seus escritos, conferências ou entrevistas, Claire Cayron se dedica a definir sua acepção pessoal do conceito de deontologia. Do ponto de vista do tradutor: recusa do etnocentrismo (“temos o dever de fazer a obra viajar, não temos o direito de expatriá-la”), exigência de literariedade (“não temos o direito de transformar o artista da língua em tagarela medíocre”), flexibilidade empírica entre audácia e cautela (“o perigo está na passagem da literalidade para o literalismo”). Do ponto de vista do autor: exercício soberano do direito moral, confiança em, e disponibilidade para, seu tradutor.

Esta deontologia da tradução, que confere à figura da tradutora sua liberdade e sua autoridade moral, Claire Cayron a herdou também de alguns de seus mestres: George Steiner, Antoine Berman, Henri Meschonnic... são, todos, referências esperadas sob a pena de uma tradutora que afirma o papel

joué par la traduction dans le phénomène littéraire, le respect de l'étrangeté du texte d'origine et une conception exigeante de la forme et du rythme. Mais la théorie de la traduction n'a constitué pour Claire Cayron, de son propre aveu, qu'un encouragement, jamais une doctrine.

*Extrait de « Par surprise, par défi, par sympathie – Claire Cayron, traductrice », par GUILLAUME FAU.
Revue de la Bibliothèque nationale de France,
n° 38, 2011.*

central desempenhado pela tradução dentro do fenômeno literário, o respeito à estranheza do texto de origem e uma concepção exigente da forma e do ritmo. Mas a teoria da tradução constituiu para Claire, como ela própria reconhece, somente um estímulo, nunca uma doutrina.

Excerto de [“Por surpresa, desafio, simpatia – Claire Cayron, tradutora”], de GUILLAUME FAU.
Revue de la Bibliothèque nationale de France,
n° 38, 2011.



Claire de lune

Zahidé Lupinacci Muzart

A NOTÍCIA DA MORTE de Claire Cayron foi um choque para todos que a conhecemos e que, a partir de Harry Laus, mantínhamos relações com ela. Neste pequeno espaço, proponho-me a tentar transmitir algumas impressões sobre ela, de quando a conheci em Florianópolis e do diálogo que mantivemos depois do falecimento do escritor catarinense. Era uma mulher alegre que apreciava viver. Pode ser curioso dizer isso de uma pessoa ao mesmo tempo tão severa e rígida. Ela o foi, mas sobretudo consigo mesma: rígida no cumprimento do dever, das tarefas. Um de seus desafios, a tradução da obra de Harry Laus para o francês, cumpriu-a até o fim com aquele cuidado e precisão que colocava em tudo o que fazia.

A Claire Cayron, deve Harry seu ressurgimento para a literatura, pois ela é a responsável pela publicação de toda a sua obra não somente na

Claire de lune

Zahidé Lupinacci Muzart

LA NOUVELLE DE LA MORT de Claire Cayron fut un choc pour tous ceux qui l'ont connue et qui, grâce à Harry Laus, ont été en relation avec elle. Dans ces quelques lignes qui suivent, j'essaie de transmettre quelques impressions que j'avais d'elle, de quand je l'ai connue à Florianópolis et du contact que nous avons gardé après la mort de l'écrivain de Santa Catarina. C'était une femme pleine de gaieté, qui aimait la vie. C'est peut-être étonnant de dire cela de quelqu'un qui était à la fois si exigeante et si stricte. C'est vrai qu'elle l'était, mais surtout avec elle-même: stricte dans l'exécution de son devoir, de ses tâches. L'un de ses défis, la traduction de l'œuvre de Harry Laus en français, elle l'a accompli jusqu'au bout avec ce soin et cette précision qu'elle mettait à tout ce qu'elle faisait.

À Claire Cayron, Harry Laus doit son retour à la scène littéraire, car c'est elle la responsable de la publication de toute son œuvre, pas seulement en France

França como também, em parte, no Brasil. Tendo traduzido “Os papéis do coronel”, ainda em datiloscrito e publicado em bela edição da Arcane 17, foi o que impulsionou a Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (EdUFSC) a também publicar o romance. Neste ano de 2002, editou outros inéditos (e que ainda assim continuam) de Laus no livro *Les Archives des bons morceaux* como já o havia feito, em 2000, com o *Journal Absurde* (“Diários de HL”).

O primeiro contato partiu do escritor, que a procurou para traduzir sua obra em 1983. “Ele tinha ouvido falar do meu trabalho como tradutora, mas na época eu estava traduzindo a obra de Miguel Torga, um trabalho de 25 anos, e só um ou dois anos depois é que tive tempo para traduzi-lo”, conta Claire Cayron. Ela sempre reclamava do esquecimento do escritor Harry Laus no Brasil. Não chegava a entender essas questões de centro x periferia que enterram muitos bons autores da província. Foi uma amiga fiel, traduzindo e promovendo o escritor na França. Quanto ao Brasil, não teve ela a alegria de vê-lo publicado por uma grande editora como tanto o desejou.

Pelo que Claire fez pela língua portuguesa com a tradução de Miguel Torga, Sophia de Mello

mais aussi, en partie, au Brésil. C'est elle qui a traduit Les jardins du colonel, encore inédit au Brésil à l'époque bien que paru en France dans une belle édition d'Arcane 17, ce qui a stimulé les éditions de l'Université Fédérale de Santa Catarina (EdUFSC) à publier ce roman. En cette année 2002, elle a fait paraître d'autres inédits (et qui le sont toujours au Brésil) de Laus dans le livre Les Archives des bons morceaux, tout comme elle l'avait déjà fait, en l'an 2000, pour Journal Absurde.

Le premier contact est parti de l'écrivain, qui en 1983 lui a demandé de traduire son œuvre. "Il avait entendu parler de mon travail de traductrice, mais à l'époque je traduisais l'œuvre de Miguel Torga, un travail qui a duré 25 ans, ce n'est que deux ans après que j'ai eu le temps de le traduire", nous raconte Claire Cayron. Elle regrettait toujours l'oubli voué à l'écrivain Harry Laus au Brésil. Elle n'arrivait pas à comprendre toutes ces questions de centre et de périphérie qui excluent bon nombre de bons auteurs de province. Elle a été une amie fidèle, elle l'a traduit et elle l'a fait connaître en France. Pour ce qui est du Brésil, elle n'a pas eu la joie de le voir publié par une grande maison d'édition, comme elle l'avait tant souhaité.

Pour tout ce que Claire a fait pour la langue portugaise, avec la traduction de Miguel Torga, Sophia de

Breyner Andresen, Wanda Ramos e dos sulistas Harry Laus e Caio Fernando Abreu, mereceria grandes homenagens do País. Nada soube de Portugal. Mas nós em Santa Catarina, lembraremos sempre que o nome de Harry está indissolúvelmente associado à sua grande tradutora francesa: Claire Cayron.

A Notícia (Anexo),
Domingo, 10/11/2002.

Mello Breyner Andresen, Wanda Ramos et des écrivains du Sud Harry Laus et Caio Fernando Abreu, elle mériterait qu'on lui rende des hommages. Je ne sais pas quant au Portugal. Mais nous, à Santa Catarina, nous nous souviendrons toujours que le nom de Harry Laus est à jamais lié à sa grande traductrice française: Claire Cayron.

*Paru dans le journal A Notícia (Anexo),
le dimanche 10 novembre 2002.*

Traduit par Claudia Borges de Faveri

Claire Cayron



Bibliografia

TRADUÇÕES:

- ABREU, Caio Fernando. *Les Dragons ne connaissent pas le paradis*, 1991, Complexe. (*Os dragões não conhecem o paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.)
- _____. *L'Autre Voix*, Complexe, 1994.*
- _____. *Qu'est devenue Dulce Veiga ?*, Autrement, 1994. (*Onde andar Dulce Veiga*. So Paulo: Companhia das Letras, 1990.)
- _____. *Petites piphanies*, Corti, 2001. (*Pequenas epifanias*. So Paulo: Agir, 2006.)
- _____. *Brebis galeuses*, Corti, 2002. (*Ovelhas Negras*. Porto Alegre: L&PM, 2002.)

* Bibliografia não exaustiva.

Os asteriscos indicam coletâneas organizadas pela tradutora, que não correspondem a um título preciso na língua original.

- LAUS, Harry. *Les Archives des bons morceaux*, Corti, 2001.
- _____. *Les Jardins du colonel*, Arcane 17, 1992; Corti, 2000. (*Os papéis do coronel*. Florianópolis: EduFSC, 1997.)
- _____. *Journal absurde : 1949-1959*, Corti, 2000.
- _____. *Bis*, Corti, 1998. (*Bis*. Prefácio de Jorge Amado e introdução de Silveira de Souza. Florianópolis: FCC/Estado, 1982.)
- _____. *Sentinelle du néant*, Corti, 1998. (*Sentinela do Nada*. Rio de Janeiro: Gráfica Cervantes Editora Ltda.)
- _____. *La Dernière balle*, Arcane 17, 1989.
- _____. *Jandira*, Arcane 17, 1989.
- _____. *Les Réveils de Zénon des Plaies*, préface de Jorge Amado, Arcane 17, 1988. (*As horas de Zenão das Chagas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.)
- MELLO BREYNER ANDRESEN, Sophia de. *Histoires de la terre et de la mer*, Différence, 1990. (*Histórias da terra e do mar*. Lisboa: Salamandra, 1984.) Tradução com Alice Caffarel.
- _____. *Contes exemplaires*, Différence, 1988. (*Contos Exemplares*. Lisboa: Moraes, 1962.) Tradução com Alice Caffarel.
- NERY, Júlia. *La Résolution de Bordeaux*, Le Mascaret, 1993. (*O Cônsul*. Lisboa: Don Quixote, 1991.)
- OLIVEIRA MARTINS, Joaquim Pedro de. *Histoire du Portugal*, Différence, 1994. (*História de Portugal*. Lisboa: Bertrand, 1879.)
- RAMOS, Wanda. *Chronique sur fond d'estuaire*, Meet, 1997. (*Crónica com estuário ao fundo*. Alfragide: Caminho, 1999.)

- _____. *Littoral*, Phébus, 1997. (*Litoral: (Ara solis)*. Alfragide: Caminho, 1991.)
- RUBEN A. *La tour de Barbela*, Corti, 2003. (*A torre de Barbela*. Lisboa: Livraria Portugal, 1964.)
- TORGA, Miguel. *Poèmes ibériques*, Corti, 1990. (*Poemas Ibéricos*. Coimbra: Coimbra, 1965.)
- _____. *Lapidaires*, l'Équinoxe, 1982; Corti, 1990.*
- _____. *Senhor Ventura* (roman), Corti, 1992. (*O senhor Ventura*. Coimbra: Coimbra, 1943.)
- _____. *Contes et nouveaux contes de la montagne*, Corti, 1994. (*Novos contos da montanha*. Coimbra: Coimbra, 1944.)
- _____. *Portugal*, Arléa, 1988; Corti, 1996. (*Portugal*. Coimbra: Coimbra, 1993.)
- _____. *Rua*, Le Tout sur tout, 1988; Corti, 1997. (*Rua: novelas e contos*. Coimbra: Coimbra, 1942.)
- _____. *En chair vive* (pages de Journal), Corti, 1997.*
- _____. *Vendange*, Corti, 1999. (*Vindima*. Coimbra: Coimbra, 1945.)
- _____. *Arche*, l'Équinoxe, 1984 ; Corti, 2000. (*Bichos*. Coimbra: Coimbra, 1940.)
- _____. *En franchise intérieure* (pages de Journal), Aubier-Montaigne, 1982.*
- _____. *La Création du monde*, Aubier-Montaigne, 1985; GF, 1999. (*A criação do mundo*. Coimbra: Coimbra, 1937.)
- _____. *A la proue d'un navire de roc*, 120 poèmes, Le Tout sur le Tout, 1986.
- _____. *L'Universel, c'est le local moins les murs*, William

Blake & C^o et Barnabooth Éd., 1986.*
_____. *De la peine de mort*, Sables, 1999. (*Pena de Morte*:
Coimbra, 1967.)

ENSAIOS:

Divorce en France, Denoël, 1974.
La Nature chez Simone de Beauvoir, Gallimard, 1973
(tese de doutoramento).
Sésame, pour la traduction – une nouvelle de Miguel Torga.
Pref. de Laure Bataillon. Bordeaux: *Le Mascaret*, 1987.

(ALGUNS) ARTIGOS E ENTREVISTAS:

“De et au sujet de Miguel Torga. Inventaire bio-
bibliographique des archives de l’auteur”, [1980],
datiloscrito corrigido, NAF 28596, f. 14-16.

“Miguel Torga et la France”, 1982, datiloscrito
corrigido, NAF 28596. Um excerto, “Miguel Torga et
Sartre”, foi publicado em *Le Cheval de Troie*, n^o 5,
Bordeaux, 1992, p. 85-92.

“Confessions d’une traductrice solitaire”, datiloscrito
corrigido, NAF 28596, 1983, texto publicado em
1987, com algumas alterações, na segunda parte de
Sésame, pour la traduction.

“Itinéraire d’une traduction”, in *Actes des premières assises de la traduction littéraire (Arles 1984)*. Arles: Actes Sud / ATLAS, 1985, p. 88-100.

“Traduire: héritage et responsabilité”, palestra proferida na École de la cause freudienne de Bordeaux, em 29 de janeiro de 1988, NAF 28596.

“La traduction des auteurs de langue portugaise dans le monde”, comunicação em mesa-redonda in: *Actes des onzièmes assises de la traduction littéraire (Arles 1994)*, Arles: Actes Sud / ATLAS, 1995, p. 31-37.

“Claire Cayron traduit Miguel Torga”, entrevista filmada por Henry Colomer. Europimages FMP, la Sept vidéo, Centre Georges Pompidou, Direction du livre et de la lecture, 1994 (34 min).

“Entretien de Claire Cayron avec Michel Volkovitch”, in *Translittérature*, n° 21, verão de 2001, p. 7-13.



Coordenação editorial
Dorothee de Bruchard

Produção editorial
Ana Carolina Corrêa da Silva
Bianca Melyna Filgueira
Ellen Carina Araujo de Carvalho
Iris Marjorie Böing Imhof
Lia Benthien
Marcia Bioni
Nathália Leite Munari

Projeto gráfico
Dorothee de Bruchard

Ilustração da capa:
Retrato de Dora Maar, Pablo Picasso, 1937.

Florianópolis
2012